

DESDE 1976



RELATÓRIO

maoz·israel

Traduzido por Best Content - @bestcontentbr

OUTUBRO 2025 | TISHREI - CHESHVAN 5786

Líderes e Mártires

Por **Shani Sorko-Ram Ferguson**

ASSOCIAÇÃO MAOZ INTERNACIONAL
PIX DO MAOZ - CNPJ: 04.810.355/0001-05

CONTRIBUIÇÕES BANCO BRADESCO
AG. 0157-0 - C/C 64.924-4
CNPJ: 04.810.355/0001-05

CONTRIBUIÇÕES BANCO DO BRASIL
AG. 0203-8 - C/C 14.206-9
CNPJ: 04.810.355/0001-05



Os registros dos laços afetuosos de MLK com os judeus foram muito bem encobertos. Documentários e publicações criadas para homenagear o legado do Dr. King menosprezam os aliados Judeus que caminharam de braços dados, e até foram presos lutando pelos direitos dos Afro-americanos.

Dr. Martin Luther King, Jr.

A alguns anos atrás, meu marido Kobi, que cresceu em Selma no Alabama, teve um encontro interessante que parece unicamente apropriado para esse tempo. Ele compartilhou por escrito o seguinte:

“Por que estamos estudando a História Negra por mais um mês?” eu perguntei

“Eu quero ter certeza de que vocês saibam e lembrem o que aconteceu!”, respondeu a Sra. Johnson, minha professora de inglês do 10º ano na Selma High School.

E funcionou. Eu sei muito sobre Martin Luther King Jr. e sobre o movimento dos direitos civis por causa dessa professora.

Eu fui criado em Selma, que é conhecida por sua história racial. Minha irmã e eu éramos a minoria branca em nossa escola. Nós eramos vizinhos do prefeito da cidade e meu pai encabeçou a primeira igreja interracial nesse puequeno, mas ainda assim local significativo.

Como se esperava, a Sra. Johnson clareou muitas coisas, incluindo a vida e assassinado de MLK. Portanto, houve coisas que nunca me foram ensinadas. Eu aprendi uma dessas coisas anos mais tarde quando estava a mais ou menos 9000 metros do chão, indo de Israel a Birmingham no Alabama para visitar meus pais.

Eu estava refletindo em uma mensagem que eu tinha no meu coração para os Afro-americanos. Era sobre a similaridade que eu vi na história de José, como ele foi erroneamente vendido como escravo pelos seus e como esse erro se tornou em salvação, não apenas para sua família que traiu ele, mas também para todo o Egito. Eu estava orando que o que eu tinha pra compartilhar de fato trouxesse alívio e liberdade a todos os Afro-americanos como eu esperava que acontecesse.

Como se em resposta, senti algo tão claro do Senhor em meu espírito que me assustou: “Uma das razões pelas quais trouxe os africanos para a América foi para que eles fossem uma bênção para Israel”. Quase no mesmo instante em que senti isso, meus olhos caíram sobre uma imagem do Dr. Martin Luther King Jr. no bolso do assento à minha frente.

Simplesmente ver a foto da pessoa que claramente era o maior representante do pensamento radical, revolucionário e de vanguarda para os Afro-americanos. Mas, como era um voo de 13 horas, abri a revista *Delta Sky* e li uma entrevista muito interessante de um dos maiores aliados e amigos do Dr. King, o Embaixador Andrew Young. Por ser uma revista sobre viagens, Young compartilhou a vasta experiência do Dr. King em viagens. Em certo momento, Young contou a história de uma viagem histórica planejada em 1967 e o objetivo que o Dr. King tinha ao planejá-la.

SKY: O que Martin Luther King Jr. quis dizer quando se referiu a viajar como “força pacificadora”?

ANDREW YOUNG (AY): Ele acreditava que viajar aumentava a consciência cultural das pessoas e, assim, reduziria seus estereótipos e preconceitos. “Quando você viaja pelo mundo e conhece melhor as pessoas, é muito menos provável que entre em guerra com elas”, dizia o Dr. King.

SKY: Ele alguma vez conseguiu usar viagens para manter a paz?

AY: Uma das coisas com as quais MLK sonhava era reunir uma quantidade considerável de turistas para ir a Israel e à Jordânia. Convocamos 5.000 pessoas para acompanhá-lo em uma peregrinação à Terra Santa em setembro de 1967. O objetivo do Dr. King era ter um grupo tão grande que não pudesse ser acomodado inteiramente em Israel ou na Jordânia. Ele via o turismo como uma forma de ajudar as pessoas a se unirem e começarem a cooperar, e funcionou.

O Conselho de Turismo de Israel e o Conselho de Turismo da Jordânia concordaram em construir um anfiteatro no Mar da Galileia. Concordaram em abrir os portões [na fronteira] para permitir que nosso povo circulasse entre os dois países. Martin Luther King Jr. e um coral iriam pregar e cantar em um barco no Mar da Galileia.

SKY: O que aconteceu?

AY: A Guerra dos Seis Dias eclodiu em junho de 1967 entre Israel e os estados árabes do Egito, Jordânia e Síria. Nunca mais conseguimos reunir aquele grupo.¹

¹ Entrevista “Viajando com Martin” com Andrew Young, por Jim Hackler; janeiro de 2008 *Delta Sky Magazine*

Nir Aloni/Alamy



Martin Luther King III visita o presidente israelense Rivlin para homenagear os esforços Israelenses com os Judeus Etiopes

A mentalidade de King era inovadora para a sua época: depois do Alabama, havia Israel! O afeto era mútuo e Israel lhe ofereceu acesso sem precedentes para cruzar fronteiras com um grande emissário! Além disso, Martin Luther King teve livre acesso para falar sobre sua fé aos Judeus! Infelizmente, a viagem planejada para novembro foi interrompida quando a Guerra dos Seis Dias eclodiu em junho. Foram apenas seis dias, mas mudaram o cenário, literalmente.

A viagem teria que ser planejada novamente, e antes que isso acontecesse, MLK foi assassinado.

Mesmo depois da guerra, Dr. King nunca vacilou em relação a Israel. Neste relato em primeira mão, Seymour Martin Lipset, na época professor de Governo e Sociologia em Harvard, compartilhou:

“Pouco antes de ser assassinado, Martin Luther King Jr. estava em Boston em uma missão de arrecadação de fundos, e tive a sorte de comparecer a um jantar oferecido a ele em Cambridge. Foi uma experiência fascinante e comovente ao mesmo tempo: pude testemunhar o Dr. King em ação de uma forma que nunca se viu em público. Ele queria descobrir o que os estudantes negros de Harvard e de outras partes da região de Boston estavam pensando sobre diversas questões, e os interrogou sutilmente por mais de uma hora e meia. Fez perguntas e disse muito pouco. Um dos jovens presentes fez algum comentário contra os sionistas. O Dr. King o repreendeu e disse: ‘Não fale assim! Quando as pessoas criticam os sionistas, elas se referem aos Judeus. O que você está falando é antisemitismo!’ ”²

A importância desses depoimentos se deve ao que aconteceu depois de Martin Luther King. Embora muitas vozes tenham se manifestado em meio ao vácuo criado, as novas vozes

que ganharam força retiraram a posição de Martin Luther King em relação a Israel. Quando a geração seguinte, que não havia presenciado o Dr. King, cresceu, ser negro nos Estados Unidos era praticamente sinônimo de sentimentos anti-Israel.

Se “O Homem” (termo usado pelos negros para descrever seu opressor) era branco, “O Homem por trás do Homem” era Judeu. Até mesmo o recente filme “Selma”, criado para homenagear o legado do Dr. King, não fez menção aos

² *Encounter Magazine*, December 1969



Israel faz memorial na data do assassinato de Rabin até hoje. Aqui, jovens israelenses acendem velas e cantam canções na praça Rabin, onde ele foi baleado.

aliados judeus que andavam de braços dados, e foram presos lutando pelos direitos dos negros. Os registros dos laços afetuosos de MLK com os judeus foram muito bem encobertos.

Primeiro-Ministro Yitzhak Rabin

Eu tinha 15 anos quando Rabin foi baleado. Yitzhak Rabin era o primeiro-ministro de Israel. Ele tinha uma inclinação de esquerda na política israelense e defendia posições com as quais muitos crentes messiânicos israelenses não concordavam. Ele assinou os Acordos de Oslo (que até agora se mostraram desastrosos tanto para Israelenses quanto para Árabes palestinos) e foi citado dizendo coisas como: “A Bíblia não é o nosso guia”. E por fim, não foi tão popular nas pesquisas durante seu mandato.

Ainda assim, fiquei arrasado quando ele foi assassinado em 1995. Rabin foi assassinado por um Judeu ultraortodoxo radicalizado e impenitente. Como nação, estávamos acostumados a discutir sobre nossas diferenças. Mas também estávamos cercados por inimigos que queriam nos matar. E, portanto, nunca ajudaríamos esses inimigos matando um dos nossos. Nunca. Até então.

A morte de Rabin comoveu a juventude da minha época. Seu sonho de paz com nossos vizinhos, concedendo autonomia e terras aos Árabes, tornou-se o grito desesperado da minha geração e afeta a política Israelense até hoje. Foi apenas com os ataques de 7 de outubro que

abalaram profundamente os Israelenses, destruindo o sonho de paz de Rabin, enquanto reconsideravam a realidade de que nunca poderíamos fazer o suficiente para mudar nossos inimigos. Nossos vizinhos Islâmicos não querem paz, eles simplesmente nos querem mortos.

Tudo isso leva ao assassinato mais recente...

Charlie Kirk

Só recentemente que Charlie Kirk me chamou a atenção. Afinal, moramos em Israel. Portanto, universidades americanas e política interna não são exatamente assuntos que aparecem com frequência no noticiário Israelense, especialmente enquanto estamos em guerra. Aliás, quando a notícia de sua morte se espalhou pelo mundo, um número vergonhosamente pequeno de jornalistas israelenses já tinham ouvido falar de Charlie. Não é surpresa, sendo que a mídia tende a se cercar de pessoas com ideias semelhantes e cristãos conservadores estão no espectro oposto dos Israelenses seculares liberais.

Nos últimos anos, eu tinha visto alguns de seus primeiros vídeos “Prove Me Wrong” quando ele estava apenas começando nos campus universitários e os achei inteligentes, embora eu ainda não soubesse quem era Charlie. Mas um ou dois meses atrás, alguém me enviou um clipe de Charlie Kirk conversando com um estudante Israelense que pedia conselhos sobre como proceder após ser ameaçado de assassinato por pró-palestinos em seu campus universitário. Ele já havia relatado o incidente, mas disse que o reitor e a polícia do campus basicamente

ignoraram. Charlie disse ao jovem israelense para se exercitar na academia, aprender autodefesa e carregar spray de urso porque ninguém iria protegê-lo. “Nós vamos defender você”, disse ele, “mas é temporada de caça aos Judeus, e isso é uma coisa doentia.”

Eu fiquei fascinado. Ele entendeu a situação.

Meu fascínio não era simplesmente o fato de Charlie apoiar Israel. Felizmente, muitos ministros têm se manifestado lindamente a favor do direito de Israel de se defender! Mas foi a maneira como ele explicou seu apoio a Israel que me impressionou. Ele não ofereceu um apoio generalizado, do tipo “porque a Bíblia me diz”.

Charlie demonstrou um compromisso absoluto com Israel como cristão, observando que nem tudo o que Israel faz é perfeito. E, ainda assim, apesar dessa imperfeição compreendida, não houve hesitação em seu apoio a Israel. Seu apoio foi um “*Eu te amo e gostaria de desafiar algumas de suas decisões como nação*”. (O apoio entusiasmado de Israel ao aborto e à educação de gênero foi uma dessas coisas.) Charlie havia dedicado tempo para entender suas crenças e queria que outros também entendessem, para que não fossem influenciados por notícias e propagandas emocionais.

Eu queria ouvir mais daquele homem. Aparentemente, era assim que ele encarava tudo. Nenhuma teologia, denominação ou partido político tinha acesso a ele. Ele testava tudo, explorava tudo. E sempre considerava que a próxima conversa com um estranho poderia lhe ensinar algo novo e mudar sua opinião.



No início, Charlie visitava faculdades e procurava alunos para debater. Clipes desses debates viralizavam regularmente. Logo, milhares de estudantes (e não estudantes) formavam filas na esperança de ter a chance de desafiá-lo para um debate.

YouTube/TPUSA

E então...

Faz apenas algumas semanas que comecei a ouvir quase diariamente algo do Charlie. Os debates na faculdade eram os mais fascinantes. Alguns jovens se levantavam e gritavam seus argumentos para ele. Aparentemente, o Charlie gostava de pedir que as pessoas que discordavam dele fossem os primeiros, e elas iam. Não pude deixar de pensar: “*Será que essas crianças têm algum outro adulto que se sentariam e as ouviriam a se exporem assim?*”. Tantas figuras de autoridade, de professores a pastores de jovens, apenas apresentam suas verdades sem explicação. Quaisquer perguntas adicionais geralmente são respondidas com “porque eu disse”.

Charlie conduzia os jovens pelo seu processo de pensamento como um pai seguraria a mão de seu filho pequeno e trêmulo. De alguma forma, ele conseguia ser respeitoso e até encorajador ao desafiar a opinião alheia. Ele até acalmava as vozes contrárias na multidão para que o desafiante não se sentisse intimidado demais para ser honesto. E acho que era mais isso que ele estava ensinando às massas do que o mero tópico do debate. Nem me importava se eu concordava 100% com ele em tudo. Uma comunicação saudável resolve mais problemas do que a mera concordância sobre o assunto. Talvez seja por isso que os jovens que supostamente o odiavam por suas crenças orbitavam simultaneamente em torno dessa persona de um irmão mais velho amoroso e paciente.

Era madrugada em Israel quando acordei e li a mensagem da minha filha mais velha: “*Charlie Kirk foi baleado. E morreu.*”

Eu não conseguia entender a ideia. Ele não podia estar morto. Eu tinha acabado de descobri-lo. Ele tinha muitos outros jovens para alcançar. Eu tinha ouvido falar que ele viria a Israel em breve. Eu tinha perguntas complementares que queria fazer sobre o que ele disse. Ele tinha uma mistura única de qualidades de liderança, raras no Corpo de Cristo. Ele sabia como fazer amizade com pessoas que discordavam veementemente dele. Ele defendia fortemente a necessidade de pais em casa. Ele próprio tinha dois filhos lindos para criar... e ele e Erika queriam uma família grande...

Como israelenses, estamos acostumados a mortes repentinas, inesperadas e injustificáveis. É uma parte significativa da nossa história e da nossa vida atual. E sabemos que não devemos apontar os punhos para Deus por esses momentos terríveis. Mas eu me senti estranhamente órfão de um homem que eu nem sabia que existia há alguns meses.



Ele tinha uma abordagem infantil à vida. “Vá, apaixone-se, case-se, tenha filhos, construa uma família e seja feliz!”, dizia ele. E quando ele disse isso, percebi o quanto o casamento e os filhos são frequentemente desprezados e ridicularizados em nossa cultura como um fardo e uma má escolha, quando na verdade são a forma mais pura do “American Dream (sonho americano)” e a primeira coisa que Deus disse a Adão e Eva para fazerem.

Charlie era esse tipo raro de pessoa exemplar. O tipo de pessoa que você olha e diz: Posso buscar a Deus com ainda mais afinco. Posso ser uma versão melhor de mim mesmo. Eu sabia que, se eu estava pensando isso, muitos outros também estavam. Por dias, vi pessoas andando por aí com aquele profundo sentimento de perda. Então, a esposa de Charlie, Erika, subiu naquele palco diante de um auditório lotado e 100 milhões de espectadores online, e tudo o que eu conseguia pensar era: “Uau, Charlie se casou com a pessoa certa!”. Eu disse aos meus filhos enquanto assistíamos ao memorial de casa em Jerusalém: “Vocês provavelmente mal se lembrarão dos detalhes de hoje quando forem mais velhos, mas com certeza contarão aos seus filhos sobre este evento histórico. Tudo isso é o começo de algo grande.”

Há algo incrivelmente poderoso no martírio de um homem inocente. Quando vi o apelo ao altar, com milhares de pessoas de pé para escolher publicamente seguir Yeshua no culto em memória de Charlie, tive uma sensação estranha. Era uma troca espiritual de reféns. E a quantidade de pessoas que o reino das trevas teria que libertar por tirar a vida de Charlie Kirk era enorme.

O legado

À medida que a intensa manifestação de pesar e afeição se espalha pelo mundo, duas coisas claramente acontecerão, se a história se confirmar. Primeiro, quando alguém é

amado tão profundamente, será odiado pelos outros com a mesma intensidade, e, portanto, será feito um grande esforço para destruir seu legado. Segundo, assim como aconteceu com o Dr. King, aqueles que são inimigos jurados dos Judeus em todo o mundo tentarão neutralizar a voz de Charlie em defesa de Israel.

Campanhas já estão sendo veiculadas nas redes sociais com cliques editados tentando dizer que Charlie estava mudando de opinião sobre uma série de coisas, incluindo Israel, e até acusaram Israel de estar por trás de seu assassinato porque “Charlie havia descoberto algo grande...”

É surreal viver em um mundo onde as pessoas podem olhar para a mesma coisa e metade vai dizer que é boa e a outra metade vai dizer que é má. É ainda mais difícil quando essa divisão se estabelece entre pessoas que você ama e respeita. No entanto, tem sido encorajador ver líderes, que se opõem a tudo em que Charlie acreditava, elogiarem sua decência e desejarem ver discussões mais abertas entre os oponentes. E, a partir de agora, Charlie será lembrado por sua fé em Yeshua e sua paixão por debates e conversas.

Portanto, se há algum lado positivo nesta tragédia humana em que uma viúva agora precisa criar seus filhos órfãos, é que este evento pode dar origem a um novo mundo ocidental. Um Ocidente no qual não apenas permitimos a liberdade de expressão, mas consideramos a livre troca de ideias um ponto crucial para uma sociedade livre e saudável.

Quem diria que apenas convencer as pessoas a conversarem umas com as outras poderia mudar o mundo.

Erika Kirk fez um discurso de perdão ao passado e clareza para o futuro que surpreendeu e comoveu milhões.

maoz israel

Outubro de 2025



Boas Festas de Jerusalém!

Há apenas 200 anos, era ilegal nos Estados Unidos ensinar escravos a ler e escrever. A intenção por trás da lei era **manter uma seita de pessoas ignorantes e incapazes de explorar qualquer coisa além do que lhes era dito por seus superiores**. Afinal, pessoas ignorantes são mais fáceis de controlar.

Em Israel hoje, o Judeu comum aprende apenas o hebraico **bíblico** básico. O suficiente para ler os enredos da Torá, mas não o suficiente para ler com confiança as Escrituras como um todo e decidir em quais princípios acredita. **Nós, como nação, somos ensinados que não podemos entender a Bíblia sem a ajuda de um rabino e anos de estudos em yeshivá.**

Seja intencional ou não, não posso deixar de considerar os paralelos entre essas duas situações, **onde uma minoria detém o poder do conhecimento sobre a maioria.**

E é por isso que o **Maoz Israel está trabalhando com a Sociedade Bíblica de Israel para criar uma Bíblia de Estudo Hebraica que destaca profecias messiânicas, princípios espirituais e identifica de onde vêm nossos valores judaico-cristãos.**

A autoridade rabínica não poderá mais intimidar os israelenses, os impedindo de **ler as Escrituras por conta própria**. Esta Bíblia já está em processo de três anos de trabalho meticuloso e referenciado. **Arrecadamos US\$ 114.000 (aproximadamente R\$ 607.209,60)** dos US\$ 250.000 (aproximadamente 1.331.600) necessários para concluir e publicar esta Bíblia.

Você gostaria de fazer parte da abertura das portas do conhecimento para que o povo judeu entenda o Livro que você tanto ama?

A serviço DEle,

Kobi e Shani Ferguson
Kobi e Shani Ferguson

Kobi Ferguson
Presidente e
Diretor Executivo

Shani Ferguson
Diretora de Criação





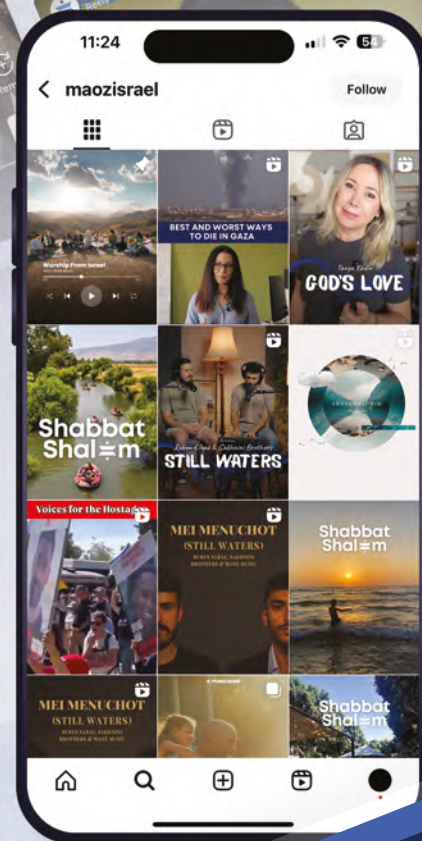
Siga MaozIsrael

Na sua plataforma de rede social favorita!

Escrituras encorajadoras para o seu dia. Atualizações semanais da guerra. **Canções de Israel em Hebraico, Inglês e Árabe.** Surpresas do feriado Judeu. **Testemunhos pessoais.** Projetos nos quais você pode se envolver. **Explore os locais Bíblicos com os moradores locais.**

MaozIsraelBrasil.org

Pesquise **maozisrael** e **maozmusic** em:




maozisrael